

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS  
Curitiba-PR - Brasil

---

INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO: PERCEPÇÕES, DIFICULDADES,  
PERSPECTIVAS E INTERESSES EM ORGANIZAÇÕES CONVENCIONAIS E NÃO  
CONVENCIONAIS

**Luis Henrique Benites** (Universidade Tecnológica Federal do PR) - luis.hbenites@gmail.com  
*Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Pós-Graduado em Gestão de Projetos; Pesquisador na área de Gestão e Trabalho com foco em Organizações Não-Convencionais (contra-hegemônicas)*

**Fabiola Sgrott Fernandez de Lima** (Universidade Tecnológica Federal do PR) - fabiola\_sf@hotmail.com  
*Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Professora do SESC; Pesquisadora na área de Gestão e Trabalho com foco em Organizações Não-Convencionais (contra-hegemônicas)*

# **INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO: PERCEPÇÕES, DIFICULDADES, PERSPECTIVAS E INTERESSES EM ORGANIZAÇÕES CONVENCIONAIS E NÃO CONVENCIONAIS**

**Fabíola Sgrott Fernandez de Lima**

Mestranda – PPGA – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

**Luís Henrique Benites**

Mestrando – PPGA – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo avaliar as percepções, dificuldades, perspectivas e interesses de jovens estudantes, sobre a sua inserção no mercado de trabalho, analisando criticamente os principais fatores que impactam nas suas decisões sobre o tipo de organizações que lhes despertam mais interesse. Neste estudo foram investigados 123 jovens, representados pela amostragem da população de 180 estudantes de uma escola da cidade de Curitiba, com faixa etária entre 15 e 18 anos, que vivenciam os momentos de decisões que antecedem o processo de inserção nas suas vidas laborais. Para atender os objetivos da pesquisa, utilizou-se a metodologia quantitativa através da realização de uma pesquisa empírica do tipo “*survey*”, cujos resultados desvelaram que os jovens investigados se sentem confiantes no sucesso quanto à inserção no mercado de trabalho, apesar de perceberem o sistema educacional brasileiro como deficiente e carente de inovações. Os mesmos entendem que enfrentam dificuldades de diversas naturezas no processo de inserção no mercado, tais como a conciliação da continuidade dos estudos e seus trabalhos e o quanto são influenciados pelos familiares. Os respondentes manifestaram maior interesse por organizações convencionais, mesmo valorizando o bem-viver em detrimento da acumulação de capital.

### **Palavras-chave**

Estudantes; mercado de trabalho; educação; organizações não convencionais. Perspectiva de trabalho.

## **INTRODUÇÃO**

O mercado de trabalho pode ser caracterizado por dois principais tipos de organizações, as convencionais e as não convencionais. As primeiras são as quais grande parte da população identifica como a única opção para sobreviver, diante de um discurso de crescimento que se legitima enquanto solução para a pobreza associada à ideia de emprego (SEIFERT E VIZEU, 2015). Grande número de jovens na contemporaneidade escolhe empreender ao invés de se tornar empregado. Estes por sua vez continuam dentro de lógica da racionalidade instrumental.

Para BARCELLOS e DALLAGNELO (2013), a discussão relativa a novas formas organizacionais sob a perspectiva predominantemente abordada nos estudos sobre organizações diz respeito a novas práticas organizacionais adotadas a partir da chamada crise do modelo fordista de produção, representando formatos estruturais e modelos de atuação utilizados pelas empresas para enfrentar as mudanças apresentadas pelo mercado considerado em constante transformação.

Tais transformações das características do mercado deveriam servir de referência para determinar o modelo educacional brasileiro, com o propósito de preparar os jovens estudantes da melhor maneira possível para suas futuras atuações profissionais. Porém, segundo ILLICH (1988) a escola existiria fundamentalmente para justificar privilégios e subjugar a pobreza, além do que, deseducaria, por induzir à dependência e a falta de iniciativa. Corroborando com este pensamento, muitos jovens optam pelo protagonismo na sociedade atual, desde o início das suas vidas profissionais, optando por caminhos diferentes em relação àqueles existentes nas organizações burocráticas que buscam o crescimento desenfreado a qualquer custo.

Ao decidir entrar no mercado de trabalho o jovem encontra muitas dificuldades, tanto para conseguir o primeiro emprego, quanto para mudar de ocupação (CORRÊA E LIMA, 2015). Como consequência e em associação ao nível de aproveitamento do jovem na sua formação educacional, esse acaba ocupando postos de trabalho com intuito de aprendizagem inicial, como estágios e programas de aprendizagem, que em sua maioria caracterizam-se por salários baixos ou até inexistentes. Outra opção para este jovem está em empreender ao invés de se tornar empregado. Essa é uma tendência que, provavelmente, decorre das características dos integrantes das chamadas novas gerações, estes sendo chamados de geração “Z”.

De acordo com uma matéria veiculada pelo Jornal O Globo em 14/07/2017 ([www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)), de autoria de RIBAS (2017), os jovens da geração “Z” são altamente conectados, inovadores, criativos, ágeis e engajados. Porém ansiosos e com certa resistência às hierarquias e críticas. Abertos à diversidade e preocupados com a sustentabilidade, não aceitam ofertas que consideram ruins apenas pelo dinheiro, dando mais valor ao propósito de onde vão trabalhar do que a posições altas na empresa. Preferem horários flexíveis e estão mais propensos a ser empreendedores e criar relações de trabalho cada vez mais virtuais. RIFKIN (2001) considera que os jovens da nova geração “mutável” sentem-se muito mais à vontade em gerenciar negócios e se engajar em atividades sociais nos mundos do comércio eletrônico e do ciberespaço.

Diante desta realidade torna-se compreensível a realização de um estudo que identifique, na contemporaneidade, o interesse, as dúvidas e os principais desafios que os jovens, na faixa etária entre 15 e 18 anos, enfrentam perante o cenário que se apresenta. Durante o processo da sua inserção no mercado de trabalho, quando o jovem necessita fazer escolhas relevantes para a sua vida pessoal e profissional, ele se depara com uma diversidade de questões complexas, tais como: qual tipo de organização escolher, a convencional ou a alternativa? Qual o estilo de carreira seguir, a de empregado ou de empreendedor? O que se deve priorizar na vida, a acumulação de riqueza material ou o bem-viver? Que estratégia deve-se adotar, buscar o crescimento a qualquer custo ou estabelecer um limite adequado de acordo com aspirações individuais? Será que o nível educacional que se consegue atingir é suficiente para uma boa inserção no mercado de trabalho e o atingimento dos objetivos de vida?

Esses questionamentos despertam o interesse pelo assunto. Atrelado a ele está a relevância deste estudo, o qual visa contribuir com a sociedade através da obtenção de dados atualizados sobre percepções, dificuldades, perspectivas e interesses dos jovens ao entrar no mercado de trabalho, promovendo a compreensão e a discussão do tema. Sendo assim este artigo tem como objetivo responder as seguintes perguntas: Qual é o interesse e as dificuldades do jovem ao escolher entrar no mercado de trabalho? Qual é a possibilidade do jovem não escolher entrar na lógica utilitarista imposta pelo ambiente das organizações hegemônicas?

A partir deste problema de pesquisa, entende-se como objetivo geral: compreender se os jovens têm interesse e dificuldades para entrar no mercado de trabalho através das organizações convencionais ou não convencionais. Este estudo é uma pesquisa quantitativa descritiva e exploratória que se apropria de um levantamento *survey* para coleta de dados.

Este artigo está estruturado iniciando com a fundamentação teórica, que explora a qualidade da educação no Brasil, o mercado de trabalho e os desafios do jovem durante o processo de inserção no mesmo, seguida, para uma melhor compreensão sobre o mercado de trabalho, de tópicos que se enquadram com a explicação sobre as organizações hegemônicas e contra hegemônicas, bem como o tema de qualidade de vida, versus a acumulação de capital. Na sequência, apresenta-se o capítulo que esclarece a metodologia utilizada, bem como, os capítulos referentes às análises e inferências dos dados, culminando nas conclusões que os pesquisadores elaboraram sobre o tema.

## **1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Ao longo desse capítulo, apresentar-se-á informações consideradas relevantes para esse estudo, oriundas de uma base referencial bibliográfica acerca da qualidade da educação no Brasil, do mercado de trabalho à luz das organizações convencionais e não-convencionais, da qualidade de vida em detrimento à filosofia da lógica instrumental de acumulação de capital e, finalmente, dos principais desafios que os jovens enfrentam durante o processo de suas inserções no mercado de trabalho.

### **1.1 - A qualidade da Educação no Brasil**

Para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e o Plano Nacional da Educação (PNE), é de fundamental importância a definição de padrões de qualidade de ensino. Diante deste princípio apresenta-se um grande desafio para a padronização da educação, em um país com a extensão continental como é a do Brasil e com a grande diversidade cultural existente, os processos de qualificação da educação perpassam por inúmeras especificidades culturais, pois é necessário que o sistema avaliativo seja reconhecido por todos.

O Art.214, da Constituição, dispõe que a melhoria da qualidade do ensino é um dos objetivos maiores do Plano Nacional de Educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei n. 9.394/96) explicita várias vezes o termo qualidade, seja como padrão de qualidade, melhoria de qualidade, avaliação de qualidade, aprimoramento da qualidade entre outras formas. O art. 22 da LDB garante que “A educação básica tem por finalidade

desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Segundo DOURADO (2009), a oferta de escolarização no Brasil, se efetiva por meio dos entes federados (união, estado e municípios), com base na estruturação de sistemas educativos próprios, pode-se afirmar que tal processo vem se efetivando, historicamente, por intermédio do binômio: descentralização e desconcentração das ações educativas. Assim é possível entender cada especificidade regional e conseqüentemente compreender qual é o conceito de qualidade para cada uma delas. Diante deste cenário visualiza-se um quadro muito complexo, quando se direciona a discussão para os parâmetros de qualidade em um cenário desigual em que a educação brasileira se encontra. Diante desta realidade a presente pesquisa vem corroborar para compreender a percepção do jovem com relação a qualidade de ensino e como a mesma pode influenciar na sua entrada no mercado de trabalho.

## **1.2 – O Mercado de Trabalho**

Segundo a OIT (2017) os jovens trabalhadores estão entrando em um novo mundo do trabalho, inúmeras vezes em empregos que não existiam no passado. Eles estão mais preparados do que os adultos para enfrentar oportunidades que envolvem tecnologia e se adaptam mais facilmente a novos empregos. Por outro lado, segundo o relatório, a demanda por jovens altamente qualificados cresceu em países de renda alta, enquanto nos países em desenvolvimento ocorreu um acréscimo em busca do trabalho de baixas habilidades.

Segundo SILVA & OLIVEIRA (2007), uma parcela dos jovens é poupada da inserção no mercado de trabalho por estar na escola. Acompanhado deste argumento, SARAVI (2009) posiciona-se com a seguinte fala de que a renda familiar e as condições do lar de origem dos jovens influenciam no seu desempenho escolar e no acesso ao ensino médio. A partir desta informação é possível identificar que jovens de família com maior renda finalizam o ensino médio por não precisarem trabalhar precocemente. Diferentemente dos jovens de baixa renda que iniciam a vida no mercado de trabalho antes do término dos estudos o que pode interferir no desempenho dos estudos e no acesso ao ensino médio.

Para o relatório da OIT (2009) muitos jovens brasileiros ingressam no mercado de trabalho por necessidade econômica das suas famílias. E por outro lado, o mesmo também indica que existem jovens que entram no mundo do trabalho buscando autonomia, independência financeira e o crescimento pessoal e profissional. Diante deste estudo realizado pela organização mundial do trabalho, entra-se com as questões sobre os motivos pelos quais os jovens procuram um trabalho, o quanto empresas grandes e com hierarquias bem definidas interessam aos jovens e se o acúmulo ao capital os interessa muito mais do que o bem viver.

### **1.2.1 – Organizações Convencionais e Não-Convencionais**

Diante da revolução industrial, segundo GUERREIRO RAMOS (1989), o mercado assumiu o papel central na formação do comportamento do ser humano. Conduzindo as pessoas a um conjunto de princípios que recusam a individualidade e a experiência prática do sujeito, padronizando pensamento e ações em função dos interesses dos grupos dominantes.

Pode-se, pois, afirmar que “o homem moderno é o homem dentro das organizações”, que “a vida contemporânea [...] é dominada por organizações grandes, complexas, formais” (BLAU; SCOTT, 1970, p. 11) e que “a sociedade moderna é uma sociedade de organizações” (ETZIONI, 1967a, p. 173). A sociedade tem com isto sua vida sendo influenciada constantemente pelas organizações e pela sua relação com as mesmas.

SOUZA (2012, p. 23) defende a percepção da importância das organizações na vida das pessoas, ao afirmar que,

[...] vivemos em uma sociedade organizacional: as organizações estão em toda a parte; suprimos nossas necessidades por meio de organizações; trabalhamos, divertimo-nos, relacionamo-nos, agimos politicamente, reivindicamos, enfim, atuamos em organizações. Somos parte delas e elas são parte de nós: portanto, vivemos e agimos sob condições organizacionais.

Segundo SOUZA, COSTA e PEREIRA (2015), “organização” não significa empresa ou entidade, mas refere-se ao ato de organizar e ordenar. A partir deste argumento observa-se que o termo não representa somente empresas, mas todo um processo de organização. Segundo o mesmo autor “os estudos organizacionais têm como objeto de análise os processos de ordenamento e não empresas”. Diante deste conceito o real significado de organização alcança um patamar muito além de ser empresa, é a forma como as pessoas se ordenam e interagem juntas ou individualmente para o alcance de um determinado objetivo.

Assim a riqueza da experiência social, conforme BARCELLOS e DELLAGNELO (2013) é fundamental para compreender que não existe somente um modo de se pensar quando o tema é organização. Ou seja, existe outro jeito de se organizar que não apenas como o modelo hegemônico passa, através dos conceitos supracitados é possível identificar que existem formas distintas de estruturar uma organização, seja ela a favor do modelo hegemônico ou não.

Para FARIA e MENEGUETTI (2011), quando a burocracia se estabelece plenamente, ela se situa entre as estruturas sociais mais difíceis de serem destruídas, configurando-se um meio de transformar ação comum em ação societária, racionalmente ordenada. Constituindo um instrumento de poder e dominação, onde nenhuma pessoa consegue ser superior a esta estrutura burocrática.

Consequentemente, qualquer outro tipo organizacional é considerado como inadequado ou estranho à área de Estudos Organizacionais. (BOEHS; SEIFERT; VIZEU, 2013). Tudo que se opõe ou foge da lógica utilitarista das organizações hegemônicas não chegam a ser consideradas como organizações, pois o sistema capitalista as exclui. O modelo de organização universalizado como referência é o modo de produção capitalista, baseado na reprodução do capital e na racionalidade utilitarista (VIZEU, 2010). Está lógica alicerça uma visão de crescimento econômico contínuo e consequentemente objetiva o acúmulo do capital. Corroborando com a ideia de SCHUMACHER (1977), onde a prosperidade e o processo ideológico cristalizou a lógica da busca pelo crescimento econômico.

GUERREIRO RAMOS (1989), considera que a racionalidade instrumental domina o mundo ocidental moderno, a organização econômica capitalista é vista por todos como indispensável para a vida humana e todas as suas ações e resultados tendem a gerar prosperidade para a sociedade. Assim sendo as pessoas participantes desta sociedade

procuram pelo individualismo acima de tudo, pois acreditam no crescimento e na acumulação de bens e capital sem limites. A partir deste entendimento se faz necessário compreender o quanto os jovens estão envolvidos com esta realidade.

Na década de 80, padrões organizacionais diferentes dos conhecidos começam a ganhar corpo perante a sociedade. O que segundo CLEGG (1998) são indicadores de pós-modernidade em termos de formas organizacionais. Sendo assim se faz necessário identificar e nomear estas formas que podem ser traduzidas como: pós-modernas (CLEGG, 1998), pós-industriais (HUBBER; GLICK, 1995; TENÓRIO, 1998), pós-fordistas (PAES DE PAULA, 2003), pós-burocráticas (PALMER, BENVENISTE; DUNFORD, 2007).

A literatura apresenta as organizações contra hegemônicas ou não convencionais, como não sendo orientadas para o crescimento e para o acúmulo de capital, sendo estas direcionadas por uma racionalidade substantiva. Segundo ILLICH (1976), tratar-se-ia de uma sociedade convivencial e aderindo a esta ideia, SEIFERT e VIZEU (2015) relatam que a característica das organizações que fogem dos padrões hegemônicos pode ser definida como a suficiência. Em seus estudos ROTSCCHILD-WHITT (1979) classifica dentre as características a convivialidade, a autonomia e a personalização, como uma forma de se desprender da imperatividade do sistema hegemônico que busca o crescimento a todo e qualquer custo. Este estudo verifica através da pesquisa como os jovens se identificam com este acúmulo e consequentemente com a preocupação sobre a qualidade de vida.

### **1.2.2. – Qualidade de vida versus Acumulação de capital – o bem-viver convivial**

Conforme VIZEU (2004), o progresso, perseguido e difundido pelas organizações modernas, embora apresentado como uma perspectiva de prosperidade ao alcance de todos, tem seus resultados limitados ao contexto econômico. Perante esta realidade se apresenta uma dúvida entre os cidadãos do sistema dominante, a qual se fundamenta em ter uma qualidade de vida melhor ou acumular cada vez mais capital. O trabalho em excesso acompanha uma vida de acumulação, porém na maioria das vezes, sem qualidade de tempo e de vida.

SERVA (1993) considera que o aspecto diferenciado do tradicional modelo hegemônico, caracterizado pela prevalência de racionalidade diferente da instrumental, é apresentado nas organizações denominadas pelo autor como substantivas. Neste estudo (SERVA,1993), o autor conclui que a característica principal destas organizações é a preocupação com o efeito do resgate da condição humana e que o princípio é a utilização da razão substantiva. Nos estudos seguintes, SERVA (1997a, 1997b) apresenta a autonomia, autenticidade e a auto realização, como aspectos predominantes nos processos das organizações substantivas.

Diante destes estudos caracteriza-se como de suma importância uma relação entre a qualidade de vida e o acúmulo de capital, as organizações substantivas não consideram o acúmulo de bens como primordial, mas sim a convivência, a autonomia e a autenticidade. Assim, é fundamental compreender se os jovens conseguem vislumbrar uma vida laboral que difere das organizações hegemônicas, considerando não apenas o olhar condicionado pela perspectiva dominante, mas também a uma outra forma de existir e sobreviver.

### 1.3 – Os Desafios do Jovem durante o Processo de Inserção no Mercado de Trabalho

Os principais desafios que os jovens enfrentam durante o processo de inserção no mercado de trabalho passam, indubitavelmente, por questões ligadas à conciliação entre estudo e trabalho, à educação (aqui se refere às instituições regulares de ensino das redes pública e privada), à família, à fatores sociais e também às incertezas de escolhas para o futuro (ANDRADE, 2017; BALASSIANO, SEABRA & LEMOS, 2005; SILVA FILHO, SILVA & QUEIROZ, 2015; CORREA & LIMA, 2015).

“As narrativas juvenis mostraram-se heterogêneas, quando perguntados(as) sobre o que fariam no ano que vem; mas decidir o que fazer no próximo ano, para esses(as) jovens, implicava uma “definição das escolhas”, uma tomada de decisão dentro dessa ideia de presente estendido. Decidir o que fazer e/ou para onde ir se mostrou uma escolha difícil para a maioria: uns não sabiam o que fazer, outros receavam a definição da escola pública (esta é feita pelo Estado), outros faziam o que a família decidia como sendo o melhor, mesmo não concordando com isso, e havia os que ainda não tinham pensado nisso. Mas todos(as) os(as) jovens mencionaram a escola como uma necessidade, mais do que isso, como um imperativo.” (ANDRADE, 2017).

Para SILVA FILHO, SILVA & QUEIROZ (2015), o problema enfrentado pelos jovens no processo de entronização no mercado de trabalho brasileiro é registrado com mais vigor, a partir da década de 1990, em decorrência do processo de reestruturação produtiva e das configurações nas relações do trabalho, fatores esses que causaram uma desestruturação do emprego jovem no Brasil. Além da frequente elevada taxa de informalidade inerente à participação dos jovens no mercado de trabalho brasileiro, estudos recentes nessa área ainda apontam para outra característica, a alta taxa de rotatividade (POCHMANN, 2007; SILVA FILHO, 2011; CORSEUIL et al., 2013) apud SILVA FILHO, SILVA & QUEIROZ (2015).

Nesse contexto, o jovem oriundo de classes sociais mais baixas, tem que superar a difícil tarefa de conciliar estudo e trabalho. CORREA & LIMA (2015) alertam que em muitos casos, dada a complexidade dessa conciliação, muitos jovens trabalhadores optam por abandonar os estudos, o que, no longo prazo, pode significar redução drástica das oportunidades dos seus desenvolvimentos econômico e social, uma vez que isso compromete o processo de formação e também de capacitação profissional (SILVA & OLIVEIRA, 2007) apud CORREA & LIMA (2015).

“Ao decidir entrar no mercado de trabalho os jovens encontram muitos empecilhos, tanto para conseguir o primeiro emprego quanto para mudar de ocupação. De acordo com Mesquita (2011), em muitos casos, esses acabam por ocupar os piores postos de trabalho. Entre as exigências do mercado de trabalho para contratação está a formação escolar e profissional, bem como a experiência adquirida em outros postos de trabalho. No caso dos jovens, essas duas exigências são difíceis de atender, visto que estão passando por um processo de formação escolar e profissional, e têm pouca ou nenhuma experiência profissional”. CORREA & LIMA (2015).

Diante deste estudo percebe-se que os jovens enfrentam uma dificuldade considerável para ingressar no mercado de trabalho, os mesmos não podem deixar de se aperfeiçoar para que alcancem bons postos de trabalho. E nesse contexto percebe-se ainda mais a importância de o jovem ter acesso a um sistema educacional de qualidade, pois é na escola que se inicia o processo de qualificação da mão de obra e essa está diretamente ligada a fatores que, além dos

exclusivamente econômicos, impactam e agravam a crise do desemprego no Brasil (BALASSIANO, SEABRA & LEMOS, 2005).

## 2- METODOLOGIA

Para atingir o objetivo do estudo, que contempla avaliar as percepções, dificuldades, perspectivas e interesses do jovem estudante brasileiro durante o processo de inserção no mercado de trabalho, utilizou-se uma abordagem quantitativa embasada no método de pesquisa *survey*, realizada através de um questionário que foi, essencialmente, fundamentado em escalas tipo Likert. Segundo BABBIE (1999), o método de pesquisa *survey* é muito semelhante a censos, sendo que a diferença principal entre eles é o fato de um *survey*, tipicamente, examinar uma amostra da população, enquanto o censo geralmente implica numa enumeração da população toda. PALLANT (2011, p. 9) afirma que a escala tipo Likert permite uma maior amplitude nas pontuações (*scores*) e aumenta as possibilidades de análises estatísticas.

Tratou-se de uma amostra não-probabilística de corte temporal seccional, onde a população-alvo foi formada por jovens estudantes na faixa etária entre 15 a 18 anos de uma determinada escola da cidade de Curitiba, no estado do Paraná. A escolha desse público justifica-se por sua inserção num determinado contexto que proporcionava um acesso direto aos mesmos e, ainda, que vivenciava o exato momento preliminar à uma escolha importante de vida, a escolha pelo perfil de sua carreira profissional. Assim, foram investigados 123 indivíduos de uma população total de 180 jovens. Com base no procedimento de amostragem finita (GIL, 2009), essa quantidade de respondentes garante o nível de confiança de 95% para um de erro amostral de 5% ( $N = 180$ ;  $n = 123$ ).

Com base nas hipóteses da pesquisa, concebeu-se o instrumento de coleta de dados, na forma de um questionário contendo 21 questões, divididas em 2 grupos principais, a saber: a) o primeiro grupo composto por 9 questões que visaram a categorização dos respondentes quanto às características como sexo, idade, estado civil, raça, nível de escolaridade (tanto dos respondentes, quanto dos seus pais) e se eram portadores de algum tipo de deficiência física, ou não e b) o segundo grupo composto por 12 questões que foram concebidas de modo a explorar as percepções dos respondentes quanto aos principais fatores de influência que norteavam suas decisões durante o processo de inserção no mercado de trabalho, tais como: os tipos de organizações objetivadas pelos mesmos, suas tarefas profissionais pretendidas e seu grau de confiança no êxito de terem sucesso nessa empreitada, bem como, se eles se consideravam bem preparados, ou não, para o mercado de trabalho em função do grau de educação pessoal. O questionário, como todas as questões, pode ser visualizado em detalhes nos anexos de 1 a 4.

O instrumento de coleta de dados foi elaborado com auxílio da ferramenta “Google Docs”, tendo sido enviado, via e-mail, no dia 11/11/2017, aos 180 alunos da amostra-alvo da pesquisa, tendo retornado, até o dia 30/11/2017, um total de 127 respostas. Desse total, 4 respostas foram eliminadas, pois 3 delas foram resultados de testes realizados pelos pesquisadores e 1 resposta retornou completamente em branco. Assim, para efeito de análise de dados, foram consideradas 123 respostas como válidas. Nesse momento o questionário foi

retirado da web e deu-se o início do processo de tratamento dos dados com a migração das respostas para o software SPSS, através do qual foram realizadas as análises.

BABBIE (1999) sugere que, segundo a perspectiva tradicional da teoria científica, essas precisam ter a sua validade testada através da operacionalização de ações concretas derivadas de hipóteses, bem como, requer o estabelecimento de uma rede causa versus efeito. Com base nessas considerações, a pesquisa adotou as seguintes hipóteses: 1) os jovens percebem que a qualidade do ensino no Brasil afeta os seus graus de confiança no processo de inserção no mercado de trabalho; 2) os jovens, na contemporaneidade, são cada vez mais atraídos por trabalhos em organizações não-convencionais e; 3) os jovens, na contemporaneidade, priorizam a qualidade de vida em detrimento da acumulação de capital.

Adicionalmente à realização da pesquisa *survey* para a obtenção dos dados primários, também procedeu de uma pesquisa bibliográfica que objetivou o levantamento de dados secundários, possibilitando assim a referência a outros estudos dessa mesma temática e a comparação de dados. Isso, teoricamente, permite o estabelecimento de critérios capazes de mensurar a evolução do assunto sob investigação, contribuindo de forma mais significativa com a comunidade científica interessada nesse assunto.

Ao longo do processo de análise de dados, os pesquisadores se valeram da técnica de análise univariada de variância, não paramétrica, de dados denominada *Mann Whitney U-Test*, que se destina a casos onde haja dois ou mais grupos de variáveis e se necessita comparar seus valores médios em relação a uma variável contínua (PALLANT, 2011, p. 105).

A análise de confiabilidade das escalas foi feita através do coeficiente *Alpha* de Cronbach, que constitui um dos indicadores de consistência interna mais comumente utilizados em pesquisas quantitativas (PALLANT, 2011, p. 97). Como é sabido, o coeficiente *Alpha* de Cronbach verifica adequadamente se os itens ou indicadores da escala utilizada estão, de fato, mensurando o construto a que se propõem (HAIR et al., 2009).

### **3- ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Com o objetivo de investigar percepções, dificuldades, perspectivas e interesses do jovem no mercado de trabalho, foi elaborado um instrumento de coleta de dados na forma de um questionário voltado a obter informações relativas à categorização dos jovens, seus interesses, opiniões e sentimentos, tanto a respeito do sistema de educação brasileiro, como também sobre o mercado de trabalho. Através desses dados foi possível constatar que 59% dos respondentes são do gênero feminino e que 72% desses jovens estão na faixa etária entre 17 e 18 anos. Além disso, também foi possível verificar que 66% dos participantes possuem o ensino médio incompleto ou cursando, bem como 66% dos seus pais possuem níveis de escolaridade médio completo e fundamental II.

Em relação ao estado civil desses jovens, observou-se que 96% são solteiros e, desses, 59% estavam sem relacionamentos estáveis, enquanto que 37% deles se declararam namorando no período quando a pesquisa foi realizada. Todos os respondentes afirmaram não possuir nenhum tipo de deficiência física, 55% se consideram brancos e 33% se classificaram como pardos.

Um resultado, em particular, que chamou a atenção dos pesquisadores foi o fato de que a grande maioria dos jovens (81% deles) se declarou insatisfeito, ou parcialmente insatisfeitos com o padrão atual do sistema de educação no Brasil e concordaram com a afirmação de que as escolas deveriam implementar meios alternativos de ensino, diferentes do padrão atual. Mas apesar dessa marcante constatação, ainda assim a 38% dos respondentes se declaram preparados para o ingresso no mercado de trabalho, em função do grau de instrução que receberam nas escolas que tiveram acesso.

Antes do início do processo de análise estatística dos resultados da pesquisa em relação às hipóteses do estudo, as escalas das variáveis do questionário relacionadas a tais hipóteses foram submetidas ao processo de análise de consistência através do teste *Alpha* de Cronbach. O resultado obtido do teste foi igual a 0,655 para os 9 itens considerados como sendo relevantes no estudo. Segundo HAIR et al. (2009) esse resultado é considerado um pouco abaixo do ideal (o valor mínimo ideal para um alto grau de consistência é 0,7). Mesmo assim, como o resultado está apenas 0,06% abaixo do valor mínimo ideal, os pesquisadores consideraram que o resultado do teste representa um bom grau de consistência interna.

A técnica de inferência estatística dos dados desse estudo foi alicerçada em testes de hipóteses. FAVERO et al. (2009, p. 96) enfatiza que testes de hipóteses têm como objetivo fornecer um método que permita verificar se os dados amostrais trazem evidências que apoiam ou não uma hipótese formulada sobre a população.

Assim, para a investigação da hipótese “h1” do estudo, a qual assumiu que “os jovens percebem que a qualidade de ensino afeta o grau de confiança no processo de inserção no mercado de trabalho”, os pesquisadores se valeram da técnica da análise bivariada de variância (*two-way ANOVA*), pois, segundo PALLANT (2011, p. 106) “a vantagem de se aplicar *two-way ANOVA* é que essa técnica permite o teste do efeito de interações, isso é, quando o efeito de uma variável independente é influenciado por outra variável da mesma natureza”. Ainda segundo PALLANT (2011, p. 266), “*two-way ANOVA* permite o teste simultâneo do efeito de cada uma das variáveis independentes sobre a variável dependente, além de identificar efeitos de interação entre elas”. Trata-se de um teste paramétrico e não existe um teste correspondente de categoria não-paramétrica que possibilite esse mesmo tipo de análise.

Nesse estudo procurou-se investigar as inter-relações existentes entre as variáveis independentes “idade” e “escolaridade dos pais” sobre a variável dependente “grau de confiança na inserção profissional”. Analisando-se os resultados obtidos, pode-se afirmar que o pressuposto de homogeneidade de variância não foi violado (teste de Levene = 0,077). Porém, conforme a figura 1, o resultado do teste de significância (Sig. = 0,436) indica que não há diferença significativa no efeito da escolaridade dos pais sobre o grau de confiança dos jovens em relação ao seu processo de inserção no mercado de trabalho para as diferentes idades, não corroborando a hipótese “h1” assumida pelos pesquisadores.

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.	Eta parcial quadrado
Modelo corrigido	22,098 <sup>a</sup>	18,000	1,228	1,073	0,389	0,157
Intercepto	665	1	664,776	581,259	0,000	1
Escolaridade_pais	6	5	1,199	1,048	0,393	0
Idade	1	3	0,181	0,159	0,924	0
Escolaridade_pais * Idade	12	10	1,161	1,015	0,436	0
Erro	119	104	1,144			
Total	1839	123				
Total corrigido	141,041	122,000				

Figura 1: Resultado *Two-way ANOVA*, hipótese “h1” – variáveis de agrupamento: idade e escolaridade dos pais

A análise estatística das hipóteses “h2” e “h3”, respectivamente associadas à atração dos jovens por trabalhos em organizações não-convencionais e suas posturas face à qualidade de vida, foram realizadas com o auxílio de testes univariados, não-paramétricos, Mann-Whitney e Kruskal-Wallis. Ambos os testes se fizeram necessários para que os pesquisadores pudessem investigar as hipóteses com maior profundidade, ora analisando-as sob a luz de variáveis com dois grupos, ora com variáveis contendo mais de dois grupos. Além disso, testes não-paramétricos foram utilizados em função das pontuações, no desenho da população amostral da pesquisa, não assumir uma distribuição normal, o que é algo comum nas pesquisas em ciências sociais (PALLANT, 2011, p 111).

Os resultados obtidos dos testes relacionados às hipóteses “h2” e “h3” são apresentados nas figuras 2 e 3 respectivamente.

Como se pode observar especificamente em relação à hipótese “h2”, o teste de Kruskal-Wallis revelou que não há diferenças estatisticamente significantes entre as diversas faixas etárias dos respondentes e as 5 variáveis que se correlacionam com organizações não-convencionais, quais sejam: interesse por grandes empresas (Sig = 0,248); ser chefiado (Sig = 0,275); organizações convencionais vs. não-convencionais (Sig = 0,728); crescimento sem limites (Sig = 0,056) e qualidade de vida (Sig = 0,425).

	Grandes Empresas	Ser chefiado	Organizações convenc. vs não-convencionais	Crescimento	Qualidade de vida
Qui-quadrado	4,131	3,873	1,305	7,545	2,790
gl	3	3	3	3	3,000
Significância Assint.	,248	,275	,728	,056	0,425

Figura 2: Resultado Teste Kruskal-Wallis, hipótese “h2” – variável de agrupamento: idade

Referente à hipótese “h3”, o teste de Kruskal-Wallis apontou a existência de uma diferença estatisticamente significativa (Sig = 0,002) entre a variável independente “grau de escolaridade dos pais” e a orientação das vidas dos jovens, priorizando uma melhor qualidade de vida, em detrimento da acumulação de capital (dinheiro e bens materiais). Uma inspeção nas pontuações médias dos grupos relacionados indicou que os jovens, cujos pais tinham o

ensino fundamental II completo (Md = 76,88, n = 32), eram os que mais reportaram a priorização da qualidade de vida.

	Salários	Horas Extras	Crescimento	Qualidade de vida
Qui-quadrado	1,794	3,665	4,134	18,436
gl	5	5	5	5
Significância Assint.	,877	,599	,530	,002

Figura 3: Resultado Teste Kruskal-Wallis, hipótese “h3” – variável de agrupamento: escolaridade dos pais

#### 4- CONCLUSÃO

Esse estudo buscou, com base em procedimentos metodológicos de rigor acadêmico, valendo-se de uma pesquisa empírica do tipo *survey*, (BABBIE, 1999), bem como, da análise quantitativa das correlações estatisticamente significantes entre as variáveis de interesse do estudo (HAIR et al. 2011; PALLANT, 2009; FAVERO et al., 2009), investigar as percepções, dificuldades, perspectivas e interesses dos jovens estudantes brasileiros sobre as suas inserções no mercado de trabalho. Para tanto o estudo levou em consideração as principais dificuldades por eles enfrentadas, os fatores que influenciam suas decisões sobre o tipo de organizações de seus interesses, as atividades que mais lhes atraem e, ainda, a maneira através da qual os jovens planejam direcionar seus futuros profissionais, formal ou informalmente.

Os resultados obtidos na presente pesquisa *survey*, nos permitem afirmar que os jovens investigados percebem o sistema educacional brasileiro como deficiente e conservador. Isso pode ser evidenciado pelo fato de 81% dos respondentes terem se declarado insatisfeitos com o padrão atual do sistema de educação no Brasil. Mais do que isso, 91,7% desses jovens concordaram que as escolas deveriam adotar meios alternativos de ensino. Porém, apesar dessa constatação, ainda assim os jovens se consideram otimistas e preparados para o mercado de trabalho em função do grau de instrução por eles recebido e se mantêm confiantes nos seus sucessos durante o processo de inserção no mercado de trabalho, na proporção de 38% e 59%, respectivamente.

A maioria quase absoluta (91,7%) dos jovens reportaram interesse pela continuidade dos estudos para o melhor aperfeiçoamento pessoal, objetivando melhores oportunidades de carreira. Esse fato, de certa forma, contrapõe o grau de otimismo demonstrado por eles, pois denotam que eles percebem a importância de uma boa qualificação para galgarem melhores postos de trabalho e terem sucesso nas suas carreiras. A preocupação com a continuidade nos estudos, provavelmente, está relacionada com a situação familiar, particularmente naquelas famílias onde os graus de instrução dos pais são aderentes ao grupo ensino fundamental II, o qual teve comprovada significância estatística em relação à qualidade de vida dos jovens (Sig = 0,002). Apesar de não se dispor de dados socioeconômicos das famílias dos jovens, mas com base no perfil da sociedade brasileira, acreditamos que esses pais tendem a educar seus filhos a buscarem melhores condições de vida em comparação a suas próprias vidas, incentivando e apoiando os filhos a se esforçarem no sentido de buscar empregos estáveis e bem remunerados. Em números, 42% dos jovens reportaram que se orientarão por melhores salários e 61% preferirão empresas de grande porte e com hierarquias bem definidas.

Assim, orientando-se por perspectivas de escolhas profissionais variadas, os jovens que serviram como objeto desse estudo, demonstraram forte interesse por organizações convencionais e burocratizadas (60%), dividindo-se de forma relativamente equitativa entre trabalhos ligados à tecnologia e processos automatizados (42%) versus trabalhos que exijam habilidades manuais (34%).

A maioria dos respondentes, mais precisamente, 43% dos jovens, manifestaram suas preferências por cargos de liderança, fato esse que corrobora com o perfil dos jovens da “geração Z”, descrito no artigo citado preliminarmente, veiculado pelo *Jornal O Globo* em 14/07/2017 ([www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)). Adicionalmente, ainda corroborando com tal perfil, os jovens demonstraram preocupação com suas qualidades de vida, valorizando fatores como tempos livres, lazer, família, saúde e bem-estar. A pesquisa revelou que, notadamente, apenas 20% dos pesquisados não se mostraram favoráveis à adoção de práticas ligadas ao bem-viver, aderindo a argumentação apresentada por GUERREIRO RAMOS (1989), apontando para a racionalidade instrumental como dominante no mundo ocidental moderno.

Por outro lado, divergindo do perfil teorizado do jovem contemporâneo, a maioria dos respondentes (39% da população pesquisada) manifestou interesse por atuar como empregado, sendo que outros 32% dos jovens pretendem empreender. Algumas das principais questões que poderiam ter influenciado nesses índices estão relacionadas, possivelmente, às suas classes sociais, às referências familiares, bem como, à relativa falta de informação disponível quanto ao empreendedorismo, e as alternativas existentes quanto as organizações não-convencionais. Trata-se de conhecimentos geralmente disseminados em cursos de Administração de Empresas, sendo que apenas 4% dos respondentes estavam frequentando cursos superiores.

Adicionalmente à pesquisa empírica realizada, SILVA FILHO, SILVA & QUEIROZ (2015) realizaram um estudo, cujo objetivo era verificar se a tendência de formalização dos postos de trabalho no Brasil ocorrida ao longo dos anos 2000, especialmente a partir de 2004, estava relacionada com um possível aumento da absorção da força de trabalho jovem e juvenil. Como resultado, o estudo revelou que houve uma variação positiva no indicador de participação relativa no mercado formal da indústria privada, especialmente no comércio e na indústria de transformação. Porém, em contrapartida, essa melhora foi observada apenas nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. No âmbito nacional observou-se uma piora na absorção juvenil na atividade laboral, levando os autores à concluir que o processo de formalização ocorrido na década de 2000 não melhorou significativamente a mão de obra formal dos jovens brasileiros, apontando para uma falta de políticas de emprego específicas para essa população. Em decorrência desse fato, muitos jovens ainda permanecem atuando no mercado informal de trabalho.

Finalmente, sugere-se aqui a futura realização de uma nova pesquisa nessa mesma temática, para se analisar o assunto sob à luz das classes sociais e respectivas rendas familiares, pois acreditamos que esse fator também teria uma considerável influência nas escolhas dos jovens, por exemplo, abandonado os estudos precocemente devido à necessidade de contribuir com os respectivos orçamentos familiares, complementado o estudo já realizado por CORREA & LIMA (2015) e buscando o estado-da-arte em relação às pesquisas realizadas por SILVA & OLIVEIRA (2007) e também SARAVI (2009).

## 5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, SANDRA DOS SANTOS. **O que fazer no ano que vem? Articulações Entre juventude, tempo e escola.** Educação em Revista, Belo Horizonte, n.33, 2017.
- BABBIE, Earl. **Construção de índices e escalas.** Métodos de Pesquisa de Survey. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 1999.
- BALASSIANO, Moisés; SEABRA, Alexandre Alves de; LEMOS, Ana Heloisa. **Escolaridade, salários e empregabilidade: Tem razão a teoria do capital humano?** Revista de Administração Contemporânea, v. 9, n.4, p. 31-52, out/dez, 2005.
- BARCELLOS, R. DELLAGNELO, E. **Novas Formas Organizacionais: Do Dominante às Ausências.** RPCA \* Rio de Janeiro \* v. 7 \* n. 1 \* jan./mar. 2013.
- BLAU, Peter Michael; SCOTT, William Richard. **Organizações formais.** São Paulo: Atlas, 1970.
- BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** *Diário Oficial da União*, 23 dez. 1996a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (SEB). **Plano de qualidade para a Educação Básica: diagnóstico e ações para elevar o nível de qualidade do ensino nas escolas brasileiras.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2005.
- BOEHS, C. G. E.; SEIFERT, R. E.; VIZEU, F. **Organizações formais e sua contraparte: as organizações sociais e uma reflexão/desconstrução a partir da dimensão da racionalidade.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, I, 2013, Fortaleza. Fortaleza: SBEO, 2013.
- CLEGG, S. **As organizações modernas.** Lisboa: Celta Editora/Oeiras, 1998.
- CORRÊA, C. R.; LIMA, J. E. (2015) **Determinantes da Participação e dos Rendimentos dos Jovens no Mercado de Trabalho: o Caso da Região Metropolitana de Recife.** Cad. Metrop., São Paulo, v. 17, n. 34, pp. 541-553, nov 2015.
- CORSEUIL, C. H., Foguel, M. and Gonzaga, G. **“The effects of an apprenticeship program on labor market outcomes of youths in Brazil”;** Mimeo, 2013.
- DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F. **A Qualidade da Educação: Perspectivas e Desafios.** Cad. Cedes, Campinas, v. 29, p 201-215, 2007.
- ETZIONI, Amitai. **Organizações modernas.** São Paulo: Pioneira, 1967.
- FARIA, J. H; MENEGHETTI, F. K. **Burocracia como organização, poder e controle.** Rev. adm. empres. [online]. 2011, vol.51, n.5.
- FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P; DA SILVA, F. L.; CHAN, B. L. **Análise de Dados, Modelagem Multivariada para Tomada de Decisões.** 5ed. São Paulo: ELSEVIER, 2009.
- GUERREIRO RAMOS, A. **A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação da riqueza das nações.** Rio de Janeiro: FGV, 1989.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- HAIR, J. J. F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração.** Porto Alegre: Ed. Bookman, 2005.

HUBER, P., GLICK, H. **Organizational change and redesign: ideas and insights for improving performance**. New York: Oxford Press, 1995.

ILLICH, I. **A Convivencialidade**. Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva, 1976.

ILLICH, Ivan. **Sociedades sem escolas**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 8ª Edição, 1988.

KUMAR, R. **Research Methodology: a step by step guide for beginners**, London: SAGE, 2005.

MESQUITA, M. R. (2011). **A inserção dos jovens no mercado de trabalho e o acesso aos direitos trabalhistas no Brasil dos anos 2000**. Tese de Doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas.

PAES DE PAULA, Ana Paula. **Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas e as burocracias flexíveis**. Revista de Administração Pública, v. 36, n. 1, 2002.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO; PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Trabalho e família: rumo a novas formas de conciliação com corresponsabilidade social**. Brasília: OIT; PNUD; Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2009.

PALLANT, Julie. **SPSS survival manual: a step by step guide to data analysis using SPSS**. 4.ed. New York: McGraw-Hill, 2010.

PALMER, Ian, BENVENISTE, Jodie, DUNFORD, Richard. **New organizational forms: towards a generative dialogue**. Organization Studies, v. 28, n. 12, 2007.

POCHMANN, Marcio. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos**. São Paulo, 2007.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso**. São Paulo: Pearson-Makron Books, 2001.

RIBAS, R. (2017) **A geração Z chega ao Mercado de Trabalho e muda Vínculos**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/geracao-chega-ao-mercado-de-trabalho-muda-vinculos-21437405>, acesso em 14/12/2017.

ROTSCHILD-WHITT, J. **The Collectivist Organization: An Alternative to Rational-Bureaucratic Models**. Revista Americana de Sociologia. Vol. 44, No. 4 (Aug., 1979), pp. 509-527.

SARAVÍ, G. A. **Juventud y sentidos de pertencia em América Latina: causas y riesgos de fragmentación social**. Revista Cepal. Santiago, n. 98. 1999.

SCHUMACHER, E.F. **A Guide for the Perplexed**. Ed. Abacus 1978.

SEIFERT, R.E; Vizeu, F. **Crescimento Organizacional: Uma Ideologia Gerencial**. RAC, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, pp. 127-141, Jan./Fev. 2015.

SERVA, Maurício. **O fenômeno das organizações substantivas**. Revista de Administração de Empresas, v. 33, n. 2, 1993.

\_\_\_\_\_. **A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa**. Revista de Administração de Empresas. v.37, n.2, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Abordagem substantiva e ação comunicativa: uma complementaridade proveitosa para a teoria das organizações.** Revista de Administração Pública, v. 31, n. 2, 1997b.

SILVA FILHO, L. A.; SILVA, F. J.; & QUEIROZ, S. N. (2015) **Jovens no Mercado de Trabalho Formal Brasileiro: Uma Análise Quantitativa.** Rev. FAC. v.23, Dez. 2015.

SILVA, I. L. F. e OLIVEIRA, R. B. (2007). **“Juventudes, educação e trabalho”.** In: JEOLÁS, L. S. et al. (orgs.). Juventude, desigualdades e diversidades. Londrina, Eduel.

SOUZA, E.M.; COSTA, A. S. M.; PEREIRA, S. J. N. (2015) **A Organização (in)corporada: ontologia organizacional, poder e corpo em evidência.** Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 727-742, Dec. 2015.

SOUZA, R. S. **A Condição Organizacional: o Sentido das Organizações no Desenvolvimento Rural,** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

TENÓRIO, Fernando. **Gestão social: uma perspectiva conceitual.** Revista de Administração Pública, v. 32, n. 5, 1998.

VIZEU, F. **(Re)contando a Velha História: Reflexões sobre a Gênese do Management.** Revista de Administração Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 780-797, 2010a.

VIZEU, F. **Organizações burocratizadas rumo a razão comunicativa: o caso de uma instituição psiquiátrica.** Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós Graduação em Administração – Mestrado e Doutorado, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba/PR, 2004.

SOUZA, Jacqueline Pereira. A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança. 2012. Disponível em: [http://www.apeoc.org.br/extra/artigos\\_cientificos/A\\_IMPORTANCIA\\_DA\\_FAMILIA\\_NO\\_PROCESSO\\_DE\\_DESENVOLVIMENTO\\_DA\\_APRENDIZAGEM\\_DA\\_CRIANCA](http://www.apeoc.org.br/extra/artigos_cientificos/A_IMPORTANCIA_DA_FAMILIA_NO_PROCESSO_DE_DESENVOLVIMENTO_DA_APRENDIZAGEM_DA_CRIANCA). pdf. Acesso em: 02/11/2017.

## ANEXOS

### ANEXO 1– INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

#### UTFPR - Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA)

Questionário aplicado a jovens estudantes brasileiros, na faixa etária entre 15 a 18 anos, com o objetivo de analisar com mais profundidade os principais fatores considerados relevantes pelos jovens durante o processo de inserção no mercado de trabalho.

Pede-se que as respostas sejam fornecidas com franqueza e seriedade, pois os dados serão utilizados em estudo acadêmico. As identidades dos respondentes serão mantidas em sigilo absoluto.

#### 1- Sexo

- Feminino
- Masculino

#### 2- Idade

- 15 anos

- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos

### 3- Estado Civil

- sem relacionamento namorando
- casado / união estável
- separado / divorciado
- viúvo

### 4- Etnia

- Branco
- Pardo
- Mulato
- Negro
- Amarelo

### 5- Possui alguma deficiência Física?

- Sim
- Não

### 6- Qual é o nível de escolaridade?

- Ensino Fundamental II incompleto/ cursando
- Ensino Fundamental II completo
- Ensino Médio incompleto/ cursando
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto/ cursando

### 7- Qual é o nível de escolaridade mais alto que seus pais possuem (aquele que tiver maior grau de educação)?

- Ensino Fundamental I
- Ensino Fundamental II
- Ensino Médio
- Técnico Profissional
- Ensino Superior
- Pós-Graduação

### 8- Após sua conclusão do Ensino Médio, qual é o seu objetivo profissional?

- Atuar como empregado
- Atuar como empreendedor
- Atuar em organizações que buscam uma alternativa às organizações convencionais
- Outro: \_\_\_\_\_

### 9- Qual é a área em que pretende atuar?

- Educação
- Comércio

- Indústria
- Prestação de Serviços
- Outro: \_\_\_\_\_

10- De forma geral quão confiante você está na sua inserção profissional, após a conclusão do Ensino Médio?

Totalmente Inseguro	1	2	3	4	5	Totalmente Confiante
	O	O	O	O	O	

11- O principal fator motivador no meu futuro trabalho será o salário.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
	O	O	O	O	O	

12- Empresas grandes e com hierarquias bem definidas (diretor, gerente, chefe, subordinados, etc.) me interessam.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
	O	O	O	O	O	

13- Trabalhos profissionais ligados à tecnologia (ex.: que usam máquinas, processos automatizados, informática e afins) me atraem mais do que trabalhos profissionais ligados a atividades manuais (ex.: artes, gastronomia, entre outros).

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
	O	O	O	O	O	

14- Pretendo continuar a me aperfeiçoar constantemente, pois isso me dará mais oportunidades de carreira.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
	O	O	O	O	O	

15- No meu futuro trabalho, prefiro estar subordinado a um chefe, ao invés de ter que liderar pessoas.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
	O	O	O	O	O	

16- Considero trabalho em regime de hora extra, inclusive nos finais de semana como algo normal.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
	O	O	O	O	O	

17- Estou satisfeito com o padrão atual do sistema de educação no Brasil.

Discordo	1	2	3	4	5	Concordo
----------	---	---	---	---	---	----------



	Trabalho	
10 e 11	Questão composta por escala Likert de 5 pontos que vai de (1) Discordo Totalmente a (5) Concordo Totalmente.	Rifkin (2001), Corrêa e Lima (2015).
12,13,15,16,19	Questão composta por escala Likert de 5 pontos que vai de (1) Discordo Totalmente a (5) Concordo Totalmente.	Seifert e Vizeu (2015); Schumacher (1977); Illich (1976).
14, 17,18,21	Questão composta por escala Likert de 5 pontos que vai de (1) Discordo Totalmente a (5) Concordo Totalmente.	Vizeu (2004), Serva (1993).